Clarissa
Borges

A APROVAÇÃO NÃO É UM EVENTO

A travessia silenciosa
da preparação para concursos

2027

EDITORA JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

CAPÍTULO 2

Autorresponsabilidade, ou a coragem de assumir o leme

Existe um momento na vida de quem estuda para concurso em que a conversa interna precisa mudar. Antes desse momento, a cabeça está cheia de explicações sobre o que está dando errado. A banca foi traiçoeira. O material estava incompleto. O cronograma não cabia na rotina. A família atrapalha. O trabalho consome. O chefe não entende. A prova caiu em um final de semana péssimo. O examinador foi injusto. A questão estava mal redigida. Depois desse momento, a conversa interna passa a ser outra. O que está sob meu controle agora? Onde posso agir? O que depende de mim e o que não depende?

Essa virada tem nome, e é o conceito mais importante deste livro. Autorresponsabilidade.

Quero ser muito clara antes de avançar, porque é fácil confundir autorresponsabilidade com autoflagelo, e essa confusão estraga tudo. Autorresponsabilidade não é dizer que toda a culpa é sua. Não é assumir o peso do mundo. Não é negar que existem fatores externos reais que afetam a sua preparação. É outra coisa. É reconhecer, com honestidade adulta, que a sua vida hoje, no momento em que você lê isto, é, em larga medida, o resultado

das suas ações, dos seus pensamentos e das suas crenças passadas. Ou você se colocou no ponto em que está, ou permitiu que alguém te colocasse. Em ambos os casos, a saída passa por você.

Eu sei que essa frase é desconfortável. Ela é desconfortável de propósito. Porque enquanto a culpa estiver fora, a solução também estará. E enquanto a solução estiver fora, você fica imóvel, esperando que o mundo mude para que você possa começar.

Trago uma cena real para concretizar isso. Uma aluna minha, depois de meses de preparação intensa para uma procuradoria estadual, estava em sua cidade natal na semana da prova subjetiva. Saiu de carro de madrugada para uma logística familiar, levando o vade mecum, materiais, anotações. No caminho, foi vítima de um daqueles assaltos relâmpagos que infelizmente acontecem com frequência em grandes cidades. Levaram o carro, levaram o celular, levaram os materiais. Ela foi abandonada em uma região afastada, sem saber direito onde estava, à beira da madrugada, sem documento, sem telefone, sem nada. O trauma foi enorme. Precisou recorrer a medicação para conseguir dormir. Faltava uma semana para a prova mais importante da carreira dela até então.

Aquela situação estava sob o controle dela? Nem um pouco. Ela não escolheu ser assaltada. Não causou aquilo. Não havia descuido, não havia falha, não havia coisa alguma que se pudesse apontar para responsabilizá-la. Era o tipo de circunstância que simplesmente acontece, e que mostra com violência o quanto a vida não nos consulta antes de mexer com a gente.

Mas havia algo que estava sob o controle dela, e era a parte que importava. Como ia reagir àquilo. Ia desistir

da prova? Faltava uma semana. Ninguém julgaria. Ia se reerguer? Ia tentar mesmo abalada? Essa decisão era inteiramente dela. E ela escolheu se reerguer. Fez a prova subjetiva. Passou. Foi para a oral em uma das primeiras posições. E, no fim das contas, conquistou aquilo que parecia perdido na madrugada do assalto.

Trago essa história porque ela ilumina a distinção fundamental que peço que você carregue daqui em diante. Existem fatos da vida que você não controla. Sobre eles, não tem responsabilidade pela ocorrência. Mas existe sempre, sempre, uma camada que você controla, que é a sua resposta ao fato. E é nessa camada que mora a sua agência, a sua liberdade, e, em última análise, o seu resultado.

Há um livro chamado *Em Busca de Sentido*, do psiquiatra Viktor Frankl, que sobreviveu aos campos de concentração nazistas. Não vou resumir o livro, porque ele merece ser lido com calma, mas a tese central dele é exatamente essa. Mesmo nas circunstâncias mais extremas que um ser humano pode enfrentar, mesmo quando absolutamente tudo é retirado de você, resta uma coisa que ninguém consegue tirar. A sua capacidade de escolher como reagir. Frankl chama isso de a última das liberdades humanas. E, comparado ao que ele viveu, tudo o que enfrentamos no estudo para concurso é leve. Mas o princípio é o mesmo. O acontecimento não te define. A sua resposta ao acontecimento, sim.

Agora trago a parte que costuma incomodar mais, porque ela vai além da reação a tragédias. Ela trata da rotina.

Você acordou hoje e não estudou. O que aconteceu? Posso garantir que existem dois tipos de resposta possíveis,

e o tipo que você escolhe diz muito sobre o lugar em que você está na sua preparação.

O primeiro tipo é a resposta explicativa. Não estudei porque dormi mal. Não estudei porque o trabalho rendeu até tarde. Não estudei porque meu filho ficou doente. Não estudei porque o material estava confuso. Não estudei porque a semana foi difícil.

O segundo tipo é a resposta investigativa. Não estudei. O que houve? Em que momento o dia descarrilou? Foi mesmo inevitável ou houve um ponto em que eu poderia ter agido diferente? Se a mesma situação se repetir amanhã, o que farei?

Repare que a resposta investigativa não nega os fatos. Talvez você tenha mesmo dormido mal. Talvez o trabalho tenha mesmo se estendido. Talvez o filho tenha mesmo precisado de você. Tudo isso pode ser verdade. A diferença está em onde a sua atenção pousa. Na resposta explicativa, a atenção pousa fora, na situação que justifica a inação. Na resposta investigativa, a atenção pousa em você, no que ainda pode ser feito dentro do cenário que se desenhou. E essa diferença é a diferença entre quem fica e quem avança.

Eu lembro de uma conversa que tive uma vez com uma aluna em ciclo de queixas. Toda semana havia um motivo novo. Um obstáculo novo. Uma circunstância nova. A vida dela parecia ser uma conspiração contínua contra o estudo. Em determinado encontro, perguntei a ela, com toda a delicadeza que consegui, qual era o último problema que ela tinha resolvido sozinha. Houve um silêncio longo. Ela percebeu, ali mesmo, que havia perdido o hábito de resolver. Cada situação que aparecia era recebida como prova de que estudar para concurso era impossível para

a vida dela, em vez de ser tratada como informação para ajustar o próximo passo. A virada não veio de mim. Veio do reconhecimento dela de que aquele lugar de queixa, embora confortável porque desresponsabilizava, era também o lugar que a mantinha parada.

Existe uma regra que eu gosto muito, e que costumo trazer em mentoria. Se é para buscar culpados, busque soluções. É uma inversão simples, quase banal, mas que muda completamente a dinâmica interna. Porque a busca pelo culpado tem um destino estéril. Você encontra o culpado, sente um alívio momentâneo, e nada muda. A busca pela solução, ao contrário, tem um destino útil. Você encontra a solução, executa, e algo se move.

Eu costumo dizer aos meus alunos, em momentos de conversa mais dura, uma frase que parece áspera mas que liberta: a gente não negocia com a realidade. A realidade está posta. A sua vida, hoje, é essa. Você tem o trabalho que tem, o tempo que tem, a estrutura que tem, a idade que tem, as obrigações que tem. Nada disso vai mudar porque você reclama, lamenta ou deseja que fosse diferente. A realidade não está em negociação. O que está em negociação, e isso muda tudo, é o que você vai fazer a partir dela. Quando você para de discutir com a realidade e passa a perguntar o que está ao meu alcance dentro dela, você sai da vitimização e entra na ação. A vitimização é confortável porque transfere a responsabilidade para fora. Mas é também o lugar mais imóvel que existe, porque dali não se constrói nada.

Vou aprofundar a parte sobre o que está e o que não está sob o seu controle, porque é onde a maior parte dos candidatos se confunde.

Estão sob o seu controle, em alguma medida, o horário em que você acorda, o horário em que você dorme, a forma como organiza a sua rotina, a escolha do material que vai usar, a fidelidade ao cronograma, a qualidade do seu estudo, ativo ou passivo, a sua reação a uma reprovação, a sua reação a uma nota baixa em simulado, o tempo que gasta com distrações, o tempo que protege para o estudo, a forma como responde a comentários de terceiros, a forma como fala consigo quando algo dá errado, a decisão de pedir ajuda quando precisa, a decisão de revisar o que não foi bem.

Não estão sob o seu controle a banca examinadora, o estilo das questões, o examinador específico da sua prova oral, o adiamento de um edital, a anulação de uma prova, a chamada para uma vaga, a sorte do dia, o que outros candidatos estão fazendo, a velocidade de uma nomeação, decisões administrativas externas, e, infelizmente, eventos da vida que simplesmente acontecem.

Repare na proporção. A lista do que está sob o seu controle é grande. A lista do que não está, embora real, é menor. E a sua energia mental, todos os dias, precisa estar concentrada na primeira lista, e não na segunda. Quando você passa a manhã inteira ruminando sobre a injustiça de uma questão da banca, você não muda a banca, não muda a questão, não muda a sua nota, mas perde uma manhã inteira de estudo que poderia ter sido usada para a próxima prova. Isso é desperdício duplo. Você perde para o evento externo e perde também para si.

Eu vivi, durante a minha preparação, uma situação que ilustra bem isso. Fui fazer a segunda fase da AGU, prova discursiva. Eu estava bem preparada, as questões caíram dentro do que tinha estudado, sentia que ia muito bem. No

meio da prova, faltou luz. A organização do certame não tinha protocolo claro para uma situação daquele porte, e a prova acabou sendo, em seguida, anulada. Recomeçamos do zero, em data posterior, com novas questões, em outro contexto. A minha segunda prova, embora boa, não teve o mesmo desempenho que a primeira teria tido. Eu sentia, com clareza, que tinha perdido pontos pelo caminho.

Eu poderia ter ficado revoltada durante semanas. Pensei nisso muitas vezes nos dias seguintes. Mas alguma coisa em mim entendeu, rapidamente, que aquela revolta não me devolveria a prova original. A prova original não existia mais. Existia a segunda, e existia a oral lá na frente. Foi onde escolhi colocar a minha energia. Não porque tenha sido fácil. Foi difícil. Mas porque era o único lugar onde a minha energia ainda gerava resultado.

Vou pedir agora um exercício, e ele pode ser feito enquanto você lê. Pense em três situações recentes, das últimas semanas, em que algo da sua preparação não saiu como você esperava. Não precisa anotar. Basta retê-las mentalmente. Em cada uma delas, identifique duas camadas, a camada do acontecimento, que era externa, e a camada da sua reação, que era sua. Em quantas das três você dedicou mais tempo a reclamar do acontecimento do que a ajustar a reação? Em quantas passou direto da indignação para a ação? Não há resposta certa. O exercício é apenas para você ver, com clareza, onde a sua atenção costuma pousar.

Porque há uma armadilha discreta nessa história toda, que é a sensação de que assumir responsabilidade é castigo. Não é. Assumir responsabilidade é o que torna possível ter algum poder sobre a própria vida. Quem terceiriza tudo se sente, no curto prazo, aliviado, porque a culpa

fica fora. Mas paga um preço alto, que é a impotência. Quando tudo depende dos outros, da banca, da sorte, do material, do edital, do humor do examinador, você não tem onde agir. Sua única opção passa a ser esperar. E esperar, no concurso público, é a forma mais lenta de chegar a lugar nenhum.

Quem assume a responsabilidade, ao contrário, pode parecer, em um primeiro instante, mais sobrecarregado, porque está olhando para si com honestidade. Mas ganha o que mais importa, que é direção. Sabe onde agir. Sabe o que ajustar. Sabe o que muda no próximo ciclo. E ao final de alguns meses, é essa pessoa que está em outro lugar.

Quero deixar uma última nota neste capítulo, porque ela completa o quadro.

Assumir responsabilidade pelo seu estudo não significa fazer tudo sozinho. Não é sinônimo de isolamento, nem de teimosia. Você pode, e deve, pedir ajuda quando precisa. Pode buscar mentoria, pode trocar com colegas, pode delegar o que for delegável na vida pessoal para liberar tempo, pode usar todas as ferramentas que estiverem ao seu alcance. A responsabilidade está em decidir buscar, em decidir aplicar, em decidir manter. A execução pode ser apoiada por outros. A escolha de seguir é sempre sua.

Antes de avançarmos para o próximo capítulo, em que vamos falar sobre visão e propósito, fica uma pergunta simples. Não precisa respondê-la em voz alta. Basta deixá-la trabalhando.

O que, nesta semana, você está atribuindo a fatores externos e que, se olhar com honestidade, está, em alguma camada, sob o seu controle?

Comece por aí. Não precisa virar o jogo de uma vez. Basta começar a reconhecer onde, especificamente, você ainda tem terreno para agir. Esse reconhecimento é o primeiro gesto de quem assume o leme.

E quem assume o leme, ainda que em mar agitado, está sempre mais perto da costa do que quem espera que o vento decida sozinho para onde levar o barco.

* * *

CAPÍTULO 3

Visão antes do edital, propósito antes da prova

Existe uma pergunta que eu costumo fazer logo nos primeiros encontros de mentoria, e a resposta dela me diz muito sobre o que vai acontecer nos meses seguintes. A pergunta é simples, e quase sempre desarma quem ouve. O que você vai fazer no dia em que tomar posse?

A maioria das pessoas hesita. Alguns sorriem, como se a pergunta fosse prematura. Outros respondem genericamente. Vou descansar, vou viajar, vou comemorar. Poucos descrevem a cena com nitidez. E essa hesitação não é à toa. Ela revela que, embora a pessoa esteja estudando para um objetivo, esse objetivo ainda vive na cabeça como uma vontade abstrata, e não como uma visão construída. E vontade abstrata, na preparação para concurso, é frágil. Quebra com o primeiro vento.

Antes de qualquer cronograma, antes de qualquer escolha de material, antes de qualquer estratégia de revisão, eu preciso saber se você tem visão. E preciso que você também saiba.

Vou explicar o que entendo por visão, porque a palavra é gasta e pode soar abstrata demais. Visão, aqui, não é sonho genérico. Sonho é quando você diz quero

passar em um concurso bom. Visão é quando você sabe descrever o seu primeiro mês na nova rotina, o lugar onde está morando, o salário que está caindo na conta, o tipo de processo que está assinando, a sensação de estabilidade que está experimentando, o que está fazendo no fim de semana, com quem está vivendo, que coisas estão diferentes em comparação com hoje. Visão tem textura. Sonho não.

Vou contar uma coisa pessoal para concretizar. Durante a minha preparação, eu colei na minha frente, na mesa em que estudava, um contracheque. Não era o meu, óbvio. Era a representação do salário que eu queria alcançar. Eu olhava todos os dias para aquele número. Mais ainda, entrava no portal da transparência do órgão e ficava lendo os nomes dos procuradores e advogados públicos lá listados. Aquilo, para algumas pessoas, pode parecer estranho, talvez até materialista demais. Para mim, era estratégico. O que eu buscava, naquela fase da vida, era independência financeira. Era estabilidade. Era poder dizer eu construí isso para mim, com meu trabalho, com a minha cabeça. O contracheque colado na mesa não era o objetivo final. Era a representação visível da minha visão, e era o que sustentava as cinco da manhã difíceis, os finais de semana abdicados, as viagens não feitas, os casamentos não atendidos.

Eu poderia ter colado lá uma frase motivacional. Não funcionaria. Frases motivacionais cansam rápido, porque falam para uma camada superficial da decisão. O contracheque, ao contrário, mexia com algo concreto. Mexia com a memória do que eu não queria mais viver, e com a antecipação do que queria conquistar. Era íntimo. Era meu. E por ser meu, sustentava.

Em algum momento, em uma conversa que se prolongou para outros temas, ouvi uma frase que nunca esqueci. Quem sonhou demais não teve tempo de realizar nada. A frase é dura, e eu entendo o desconforto de quem a lê pela primeira vez, mas ela acerta um ponto. O sonho que não desce para o plano da execução vira anestésico. A pessoa entra em um estado de devaneio constante, no qual o futuro idealizado funciona como compensação simbólica do presente que não está sendo trabalhado. Quando eu passar, vou viajar pela Europa. Linda imagem. Que cronograma de revisão você cumpriu hoje? Quando eu for procuradora, vou ter independência. Linda meta. Quantas páginas de lei seca você leu nesta semana?

Não é que o sonho seja inútil. Pelo contrário, é importantíssimo. Mas o sonho sozinho, descolado da execução, vira evasão. E a evasão é uma das formas mais sutis de não passar.

A função correta da visão é outra. É funcionar como bússola, e não como destino imaginário em que a pessoa se refugia para fugir do presente. Bússola se consulta quando o caminho fica confuso. Quando você está cansado, abre a bússola e ela te lembra de onde você está indo. Quando uma reprovação te paralisa, a bússola te aponta de novo. Quando alguém te questiona se vale a pena continuar, a bússola responde por você. Quem tem bússola não precisa decidir todo dia se vai estudar. A decisão já foi tomada lá atrás. A bússola só confirma, sempre que necessário, que a direção segue a mesma.

Existe um conjunto de perguntas que ajuda a transformar sonho em visão, e eu peço que você se faça hoje, ainda antes de avançar no livro. Vou dividir em três partes, porque cada parte revela uma camada diferente.

Primeira pergunta. O que, exatamente, você quer mudar na sua vida atual? Não responda quero passar. Vá fundo. Quer parar de depender financeiramente de alguém? Quer mudar de cidade? Quer sair de um trabalho que está esgotando você? Quer ter mais tempo com filhos pequenos? Quer construir patrimônio? Quer adquirir um tipo específico de respeito profissional? Quer entrar em um ambiente de trabalho intelectualmente mais estimulante? Quer poder ajudar a sua família? Liste o que estiver vivo, sem moralizar a sua própria lista. Visão honesta começa em motivos honestos.

Segunda pergunta. Como será a sua vida no primeiro ano após a posse? Descreva com detalhe. Em que cidade você está. Em que prédio você trabalha. Qual o tipo de processo que costuma chegar à sua mesa. Como é a sua manhã. Onde almoça. O que muda no seu fim de semana. Quem está mais próximo agora, e quem ficou mais distante. Que tipo de conversa nova passa a ter. Quanto tempo dorme. Como é o tom da sua semana. Esse exercício parece bobo, mas tem efeito real. Quando a visão ganha textura, ela passa a competir, no seu cérebro, com a inércia do presente. Antes, o presente era a única realidade. Agora, há uma segunda realidade plausível desenhada na sua cabeça, e o seu cérebro começa a trabalhar para fechar a distância entre elas.

Terceira pergunta. O que você está disposto a sustentar, durante quanto tempo, para chegar lá? E aqui peço honestidade. Não responda com bravata. Não diga qualquer coisa, qualquer tempo. Diga o que é real. Estou disposto a abdicar de viagens nos próximos dois anos. Estou disposto a sair menos. Estou disposto a explicar para a minha família que esse é um período. Estou

disposto a acordar uma hora mais cedo, ou ir dormir uma hora mais tarde. Estou disposto a investir em mentoria e em materiais. Estou disposto a ouvir verdades sobre o meu estudo, mesmo quando dói. Estou disposto a errar simulados sem me destruir por causa disso. Liste o que é viável para você. Visão sem disposição é cartaz na parede. Disposição sem visão é esforço sem direção. As duas precisam estar costuradas.

No livro *Em Busca de Sentido*, Viktor Frankl observou algo que me marcou profundamente quando li, e que casa exatamente com este capítulo. Ele percebeu, durante os anos no campo de concentração, que os prisioneiros que tinham um projeto vivo do que fariam após a guerra resistiam mais ao sofrimento. Não porque o sofrimento fosse menor, mas porque havia um motivo carregado para suportá-lo. Quem não tinha esse projeto, quem não conseguia se imaginar do outro lado, frequentemente cedia antes. A diferença não estava na força física. Estava no sentido. Quem tinha um para que se sustentava através de quase qualquer como.

Eu não estou comparando, de forma nenhuma, a preparação para concurso ao horror dos campos. Seria desrespeitoso e equivocado. Mas o princípio que Frankl identificou é universal, e se aplica também a contextos infinitamente menos extremos. Quem estuda sem visão clara desiste no primeiro ciclo difícil. Quem estuda com visão clara aguenta mais um. E mais um. E mais um. Porque cada ciclo difícil é um pedágio em direção a uma vida específica que a pessoa consegue desenhar na cabeça.

Existe um detalhe operacional importante sobre como a visão precisa ser tratada no dia a dia.

Visão é estratégica, mas execução é tática. Não adianta passar uma hora sonhando com a posse e meia hora estudando. A regra precisa ser inversa. A visão é breve, mas constante. Você a consulta cinco minutos por dia, ou em momentos pontuais de dificuldade, e o resto do tempo executa. A pessoa que pensa demais no resultado e pouco no processo perde tempo precioso. A pessoa que ignora o resultado e só executa, sem nunca lembrar para onde está indo, perde direção e cansa mais rápido. O equilíbrio é uma visão clara que serve de combustível silencioso, enquanto a sua atenção operacional fica no estudo do dia.

Deixo aqui um lembrete prático. Coloque, em algum lugar visível do seu ambiente de estudo, um símbolo da sua visão. Não precisa ser uma frase. Pode ser uma foto da cidade para onde você quer se mudar, um número que representa o salário que está perseguindo, o nome do cargo escrito em letra grande, a foto de uma pessoa que você quer poder ajudar, um pedaço de papel com a data aproximada da sua posse desejada. Não importa o formato. Importa que, quando você olhar para esse símbolo em um dia difícil, ele te devolva, em um segundo, ao motivo. Sem precisar de discurso, sem precisar de explicação. Um símbolo bem escolhido faz, em silêncio, o trabalho que mil palavras motivacionais não fazem.

Há um ponto adicional que precisa entrar neste capítulo, porque ele aparece com frequência em conversas reais e merece tratamento direto. Algumas pessoas, ao começarem a desenhar a visão, percebem que o concurso que estavam perseguindo não é, na verdade, o concurso que querem. Outras descobrem que querem um cargo diferente do que vinham preparando. Outras notam que a visão original era de outra pessoa, e não delas. De alguém